



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Entre o turbilhão e a solidão

Julio Conte é, hoje, o dramaturgo com maior tempo de atividade em nossa ribalta, além de dirigir ele mesmo a maioria de seus textos. Pois agora ele resolveu, além de escrever um novo espetáculo, interpretá-lo enquanto ator, embora abrindo mão da função de diretor, que entregou para Marcelo Restori, que já fora seu parceiro na montagem anterior, A hora de Erico, a respeito do escritor Erico Verissimo.

A gente precisa tirar o chapéu para Julio Conte: afinal, consagrado enquanto médico psicanalista e reconhecido como dramaturgo e diretor, por que ele precisaria correr o risco, voltar para a planície, tornando-se ator? Simplesmente porque o texto é de autoficção, como se antecipa? Mas se é autoficção, é ficção, nada mais: não é importante, ao menos para o espectador, se algumas das coisas que estarão sendo ditas e/ou mostradas em cena correspondem verdadeiramente a acontecimentos efetivamente ocorridos com ele, dramaturgo e/ou personagem, no caso, intérprete.

Julio Conte já revelara preocupação de maior aprofundamento de seu texto com o ainda recente Latidos, de 2018, e, no ano passado, com o aludido A hora de Erico, que acaba de ser editado em livro (Editora Dionisia - www.bestiario.com.br), contendo, inclusive, valiosa documentação daquela primeira encenação. Com Todas as minhas mortes, o dramaturgo propõe um verdadeiro mergulho em águas profundas. Não interessa se o que ele apresenta é verdadeiro, no sentido da correspondência entre o que ele diz e o que de fato ocorreu em sua vida, mas sim, se é verdadeiro e coerente, dramaturgicamente falando. Todas as minhas mortes causou, a todos que assistiram à estreia da obra, um enorme impacto. De um lado, claro, porque fica aquela provocação: é o ator, o personagem ou o Julio Conte pessoa real que está falando a respeito daquilo?

A resposta é bem simples: certamente deve haver algumas correspondências biográficas com a ficção proposta - afinal, no cenário, temos uma cadeira que o anedotário tradicional identifica com a ação do psicanalista. Mas, neste caso, embora a poltrona exista em cena, ela foi, de fato, deslocada do palco para a plateia, conforme o personagem reconhece em diferentes passagens do espetáculo, quando pede ajuda do público para desenvolver a ação

cênica ou quando, quebrando a chamada "quarta parede" - aquela convenção que separa o palco da plateia e faz com que os personagens ignorem formalmente o público - ele se dirige ao iluminador ou ao sonotécnico e dá instruções a respeito da montagem, como posicionamento de spotlights ou trilha sonora. Ou seja, o dramaturgo Julio Conte está propondo ao público que considere o texto e o espetáculo dele resultante como uma espécie de sessão de terapia, onde o médico é substituído pelo espectador, interagindo todos.

Para o efeito almejado, a cenografia de Luiz Marasca é tão econômica quanto eficiente: uma poltrona, cujo suporte do braço esquerdo é todo fragmentado, inexistindo o suporte do lado direito. Por outro lado, o figurino de Daniel Lion tem como peça central um grosso casacão que vai, ao longo do espetáculo, servir como capote do personagem que é também narrador, mas também se transforma num bebê ou em outros elementos cênicos que vão sendo evocados. Este casacão, diga-se de passagem, parece ter sido criado, ou ao menos customizado para o espetáculo, pois seu forro, aparentemente de seda, está ilustrado com diferentes imagens do que poderiam ser passagens da biografia do personagem.

A trilha sonora de Marcelo Restori, cuidadosamente pesquisada, é outro destaque simbólico. Na abertura, parece-me ser obra de Phillip Glass, de ritmo intenso e como que turbilhante, antecipando os acontecimentos da vida que se verão no palco, encerrando-se, porém, com uma contundente e triste passagem da ópera Rinaldo, de Haendel, a ária Lascia ch'io pianga (obrigado, Flávio Leite), com base no poema Jerusalém libertada, de Torquato Tasso (a ária é entoada por Almirena, prometida do herói Rinaldo, que foi raptada por artes de magia pelo sarraceno Argante e chora suas dores e saudades). Na peça, que assim se encerra, é como se o narrador se lastimasse a respeito de tudo o que sofreu e enfrentou ao longo da vida. A obra, deste modo, se encerra num dolorido suspense, de enorme contundência.

Em síntese, Todas as minhas mortes é uma revelação do dramaturgo e do ator, mas, sobretudo, a reafirmação do artista Julio Conte. Um dos grandes momentos das artes cênicas da cidade neste ano.

ALEX CARVALHO/REDE GLOBO/DIVULGAÇÃO/JC



Atriz gaúcha morreu na última terça-feira, aos 91 anos, deixando inesquecível legado na televisão

Saiba o nome verdadeiro e outras curiosidades da vida de Glória Menezes

Glória Menezes é um nome conhecido em todos os cantos do território nacional, porém não consta nos documentos oficiais da atriz, morta nesta terça-feira no Rio de Janeiro. Uma das grandes damas da TV brasileira, a atriz adotou a alcunha ainda no início de sua carreira, como conta Isabela Faggiani para a Folhapress.

Nascida Nilcedes Soares de Magalhães, ela explicou que o nome de batismo vem de da junção dos nomes do pai, Nilo, e da mãe, Mercedes. "Um nome que não é um nome, é uma coisa", brincou, em entrevista ao site Memória Globo.

"Eu tive que trocar. Resolvemos botar Glória, porque Glória é Glória em qualquer idioma. E Menezes, por causa das minhas raízes portuguesas e porque completa treze letras. Dá sorte", explicou.

Nascida em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 19 de outubro de 1934, Glória se mudou para São Paulo aos seis anos de idade e fez carreira na capital paulista. Apesar de não ter terminado o curso, a atriz pode ser considerada uma uspi-

na. Ela ingressou na Escola de Artes Dramáticas da Universidade de São Paulo (USP) e lá fundou o grupo de teatro amador Jovens Independentes.

Apesar de não ter concluído os estudos, Glória foi eternizada na história do audiovisual brasileiro logo em seus primeiros anos de carreira. Em 1962, protagonizou o filme O Pagador de Promessas, de Anselmo Duarte - primeiro e único filme brasileiro a vencer a Palma de Ouro no Festival de Cannes.

Pioneira, Glória estrelou a primeira novela diária da TV brasileira, 2-5499 Ocupado, em 1963, na TV Excelsior, ao lado do amado, Tarcísio Meira (1935-2021). Os dois se conheceram em 1959 e se casaram em 1962, protagonizando um dos matrimônios mais longevos entre artistas brasileiros.

Antes de conhecer Tarcísio, porém, Glória se casou aos 18 anos com um primo, por arranjo da família. Da união, que durou poucos anos, nasceram os dois primeiros filhos da atriz, João Paulo e Maria Amélia. O caçula, Tarcísio Filho, é fruto de seu segundo casamento.